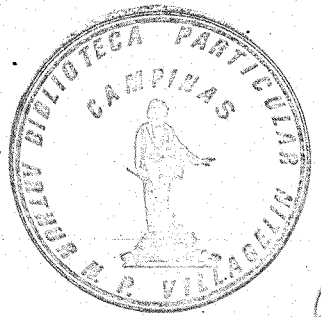


JUSTIFICATIVA

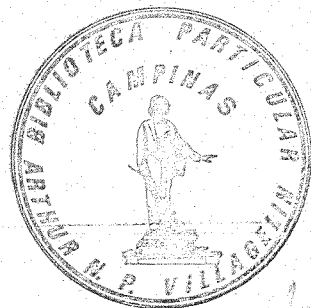
A homenagem que a Comissão de nomes de ruas da cidade, que sempre se sente honrada em seu cargo e no seu melhor desempenho, pela nomeação do exmo. sr. dr. Francisco Amaral, D.D. Prefeito Municipal, tem sua justificativa. Expusemos-lhe antes desta nossa iniciativa, em ligeiros detalhes, nosso idealismo em dar a cada sesmeiro antigo, dos velhos caminhos dos "Goiases" o nome de uma rua no burgo que eles começaram amanhando suas terras, quando começaram a plantar a futura cidade com que nenhum deles sonhava, no estado primitivo que tanto e árduo trabalho estava custando a cada um deles, vendo diante de seus olhos florestas que pareciam indevassáveis e que seriam derrubadas a golpes de machado e de foices. Foram eles os pioneiros no cultivo da terra regada com o suor de seus rostos impassíveis, que lhes aljofrava das fontes, muitas delas encanecidas e vincadas, tudo feito generosamente até rebentar da terra cultivada os primeiros brotos das plantações, sacudidas, talvez, pelos ventos bons de Campinas, como ramos de esperança que a terra lhes oferecia. Amanhecia, por assim dizer, no coração da terra. Foram eles os plantadores, cujos nomes estão ignorados e escondidos nas páginas dos primitivos documentos da velha lande e dos caminhos de Nossa Senhora da Conceição, que amanheceram em suas matas e se feriram em seus espinhos, muitos, talvez, com suas mãos calejadas, e ~~feridos~~ ~~dos pelos espinhos~~, sentindo-se, às vezes, asfixiados pelos cipós que lhes envolviam as gargantas, subindo pelas árvores senis -- que a natureza fixara espontaneamente no âmago de suas matas Virgens. Por isso mesmo queremos, tão somente fixar nestas singelas palavras desvestidas de quaisquer dicionários, como suas almas, ^{que} foram simples. E vimos expor nossa idéia ao exmo. sr. Chefe de Executivo para que possamos homenagear aqueles que foram os verdadeiros constutores da nossa Campinas e de nossa grandeza. Sabíamos que iríamos deparar com dificuldades para apresentarmos um trabalho mais perfeito da origem de suas vidas, para os -- que traçaram a geografia de nosso torrão, nas lindes de seus contornos e divisas. Estamos acostumados com a severidade de nossas exigências respeito á biografia de cada homenageado pelo nosso Departamento. São falhas que se perdoam, mas o primitivismo dos-



fls.2-

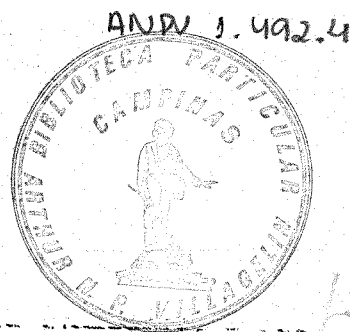
nomes simples, sem ostentar lóas, nas que estão marcados em documentos imperecíveis e constantes de nossos arquivos. Que nos perdoem por estas falhas. Elas serão bem compreendidas pelos que devotam amor a esta lande, semeadores que foram da terra dadivosa - que á beira da estrada de Goiás para lá donduzia, e de lá trazia-o bandeirante que se fixava em nossa simplicidade de terra nua.- Foram homens que conheceram dificuldades fáceis de imaginar, que tinham, apenas, para si, as résteas da luz do sol que se coava do âmago de suas florestas. Sobra-nos em boa vontade aquilo que falta para melhor identificar os plantadores de nossa cidade. E' uma homenagem que nunca chega tarde para afirmar a coragem dos que foram pioneiros de nossa grandeza, plantando e vendo germinar das semarias a semente dos que nunca desceram dos destins de nssa --- Campinas.

(Jolumá Brito)



RUA ANTÔNIO DA CUNHA DE ABREU

Foi um dos primeiros homens que apareceu na escura história - da Campinas oitocentista, como um de seus primeiros sesmeiros - que tiraram carta de datas para cultivar, com documento devidamente registrado, cuja petição inicial para a posse data de 7 de agosto de 1726, conforme consta de publicação oficial do Arquivo do Estado de São Paulo, vol. II, páginas 528 e cujo documento foi lido, também, pelo ex Deputado Antonio Rodrigues dos Santos ... Junior, prestante cidadão que o encontrou no Museu do Ipiranga. Antonio da Cunha de Abreu, que tem seu nome registrado em minha História da Cidade de Campinas como Antonio da Cunha Abreu, morava na cidade de São Paulo quando requereu em 1726 sua sesmaria "nos caminhos das novas minas dos "Goiáses", no lugar que chamam os campinhos que ficam em meio do mato grosso para a parte de Moji e lhe ficava por vizinho a mesma parte o rio Atibáia e em distância de quatro léguas, ou pouca diferença e os ditos -- campinhos eram três, sendo maior o do meio". E o Capitão general Antônio da Silva Caldeira Pimentel, atendendo a essa súplica -- concedeu lhe uma légua de terra em quadra "fazendo pião no campinho maior, que fica em meio dos dois que alega." Nesta sesmaria foi que mais tarde veio estabelecer se Francisco Barreto Leme, sendo o local demarcado de frente a atual Basílica do Carmo, -- naqueles dias ainda sem a igrejinha coberta de sapé onde hoje -- hoje está a Estátua de Carlos Gomes. Antes disso, em 1707 já havia sido concedida uma outra a um senhor Abreu, de que não se tem conhecimento, mas sem documento algum. Aí começou propriamente a vida urbana de Campinas, pois foi nessa sesmaria confirmada em 15 de novembro de 1732 que reputamos como o da fundação da -- Cidade de Campinas - diz o presidente da Comissão de Nomenclatura de ruas da Cidade, por ser este o primeiro documento que existe -- ainda nos dias de hoje. Mais tarde, estabelecido em Campinas e -- cultivando suas terras, em 1734, juntamente com seu cunhado João -- Bueno da Silva, o sesmeiro requereu uma outra, junto á que vinha -- cultivando, esta confirmada em 1734, papel esse microfilmado no -- Arquivo da Torre de Belém, no Palácio da Constituinte existente -- em Lisboa. Esse microfilme encontra se em poder do sr. Roberto -



fls. 2

do Amaral Lapa, muito ilustrado historiador campineiro e professor da PUCC. Antônio da Cunha de Abreu foi homem de prolar, -- Juiz Ordinário de São Paulo entre 1734-35, tendo sido Coronel-Suprintendente das Minas de Paranapanema. Francisco Barreto - Leme que segundo a tradição veio a estabelecer-se em Campinas em 1739 foi considerado fundador oficial da cidade de Campinas, por um Bando de 27 de maio de 1774 quando aqui já moravam perto de quatrocentas famílias.

(Jolumá Brito)



DECRETO N.º. 5859 DE 23 DE OUTUBRO DE 1.979

DENOMINA "ANTONIO DA CUNHA DE ABREU" UMA VIA PÚBLICA DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS.

O Prefeito do Município de Campinas, usando das atribuições que lhe são conferidas pelo item XIX do artigo 39 do Decreto-Lei Complementar Estadual n.º. 9, de 31 de dezembro de 1.969 (Lei Orgânica dos Municípios),

DECRETA:

Artigo 1.º. - Fica denominada "RUA ANTONIO DA CUNHA DE ABREU", a Rua 13 do Jardim Santa Mônica, com início na Rua 2 e término na Rua 17 do mesmo loteamento.

Artigo 2.º. - Este decreto entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

PAÇO MUNICIPAL, 23 de Outubro de 1.979

JOSÉ ROBERTO MAGALHÃES TEIXEIRA
PREFEITO MUNICIPAL EM EXERCÍCIO

DR. CARLOS SOARES JÚNIOR
SECRETÁRIO DOS NEGÓCIOS JURÍDICOS

ENG.º LUIZ ANTONIO LALONI
SECRETÁRIO DE OBRAS E SERVIÇOS PÚBLICOS

Redigido na Secretaria dos Negócios Jurídicos (Consultoria Técnico-Legislativa da Consultoria Jurídica), com os elementos constantes do protocolado n.º 23.628, de 9 de agosto de 1.979, em nome do Sr. João Baptista de Sá, e publicado no Departamento do Expediente do Gabinete do Prefeito, em 23 de outubro de 1.979.

DR. ITAGIBA D'ÁVILA RIBEIRO
SECRETÁRIO-CHEFE SUBSTITUTO DO
GABINETE DO PREFEITO

RUA ANTONIO DA CUNHA DE ABREU

Decreto nº 5859 de 23-10-1979

Formada pela rua 13 do Jardim Santa Mônica

Início na rua José Otávio de Camargo

Término na rua Gustavo Stuart

Jardim Santa Mônica

Obs.: Decreto assinado pelo Prefeito Municipal, em Exercício, José Roberto Magalhães Teixeira. Protocolado nº 23.628, de 09-08-1979 em nome de João Baptista de Sá.

ANTONIO DA CUNHA DE ABREU

O notável historiador Jolumá Brito, na qualidade de presidente da Comissão de Nomenclatura de Ruas da Prefeitura desta cidade, na gestão Francisco Amaral, teve a iniciativa de "dar a cada sesmeiro antigo, dos velhos caminhos dos "Goiases" o nome de uma rua no burgo que eles começaram amanhando suas terras, quando começaram a plantar a futura cidade com que nenhum deles sonhava. Foram eles os plantadores, cujos nomes estão ignorados e escondidos nas páginas dos primitivos documentos da velha lande e dos caminhos de Nossa Senhora da Conceição. Nossa idéia é para que possamos homenagear aqueles que foram os verdadeiros construtores de nossa Campinas e de nossa grandeza. Iremos nos deparar com dificuldades para apresentarmos um trabalho mais perfeito da origem de suas vidas. São falhas que se perdoam. Elas serão bem compreendidas pelos que devotam amor a esta lande. É uma homenagem que nunca chega tarde para afirmar a coragem dos que foram pioneiros de nossa grandeza, plantando e vendo germinar nas sesmarias a semente dos que nunca descreeram dos destinos de nossa Campinas". Antonio da Cunha de Abreu foi um dos primeiros homens que apareceu na escura historia de Campinas oitocentista, como um dos primeiros sesmeiros que tiraram carta de datas para cultivar, com documento devidamente registrado, cuja petição para a posse data de 07-agosto-1726, conforme publicação oficial do Arquivo do Estado de São Paulo, no Museu do Ipiranga. Antonio da Cunha de Abreu morava na cidade de São Paulo, quando em 1726, requereu sua sesmaria "nos caminhos das novas minas dos "Goiáses", no lugar que chamam os campinhos que ficam em meio do mato grosso para a parte de Mogi e lhe ficava por vizinho a mesma parte o rio Atibáia e em distancia de quatro léguas e os ditos campinhos eram três, sendo maior o do meio". E o capitão general Antônio da Silva Caldeira Pimentel, atendendo a essa súplica concedeu-lhe uma légua de terra em quadra "fazendo pião no campinho maior, que fica em meio dos dois que alega". Nesta sesmaria foi que mais tarde veio estabelecer-se Francisco Barreto Leme, sendo o local demarcado defronte a atual Basílica do Carmo, naqueles dias sem a igreja, onde hoje está a estátua de Carlos Gomes. Antes dis

Rua Antonio da Cunha de Abreu

Fls. 2

so, em 1707, já havia sido concedida uma outra a um senhor Abreu, de que não tem conhecimento, mas sem documento algum. Aí começou propriamente a vida urbana de Campinas, pois foi essa sesmaria confirmada em 15-novembro-1732, e que João Baptista de Sá, o Jolumá Brito reputa e defende como a data da fundação de Campinas, por ser este o primeiro documento que existe ainda nos dias de hoje. Mais tarde, Antonio da Cunha de Abreu já estabelecido em Campinas e cultivando suas terras, em 1734, juntamente com seu cunhado João Bueno da Silva requereu outra sesmaria, junto à que vinha cultivando e esta confirmada em 1734. Antonio da Cunha de Abreu foi homem de pro, Juiz Ordinário de São Paulo entre 1734-35, tendo sido Coronel-Superintendente das Minas de Paranapanema.